

A pesquisa na escola com crianças pequenas¹: desafios e possibilidades

*Reginaldo Santos Pereira **

*Myrtes Dias da Cunha ***

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre uma definição epistemológica e metodológica para o trabalho investigativo com crianças pequenas, considerando que a produção de conhecimentos sobre tais sujeitos, no espaço-tempo da escola, requer uma metodologia de pesquisa que permita e valorize a participação direta do pesquisador no contexto em que a pesquisa se realiza. Tal participação torna-se fundamental para conhecer o dito e o não-dito nas relações estabelecidas entre crianças, entre elas e os adultos e, assim, é tentar evitar produzir uma interpretação errônea ou inadequada da realidade investigada. Portanto, apresentamos a epistemologia qualitativa como requisito essencial para o desenvolvimento desta tarefa e consideramos que a diversificação e combinação de instrumentos e técnicas podem ajudar a elucidar hipóteses, questões ou a problemática da pesquisa referente às crianças.

Palavras-chave: Crianças pequenas. Instrumentos metodológicos. Pesquisa qualitativa.

¹ Utilizamos neste texto a expressão “crianças pequenas” ao referirmo-nos àquelas com idade entre 0 a 6 anos e que se encontram no período da educação infantil.

* Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Itapetinga - BA. E-mail: regikruel@hotmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: myrtesufu@gmail.com

The research in the school with small children: challenges and possibilities.

Abstract: This article presents reflections on a scientific and methodologic definition for the inquiry work with small children, considering that the production of knowledge on such subjects, in the space and time of the school, requires a methodology of research that allows and values the direct participation of the researcher in the context where the research takes place. Such participation becomes a condition to understand what is said and what is not said in the relations established between children, and between them and the adults and, thus, it is a condition to try to prevent a wrong or inadequate interpretation of the investigated reality. Therefore, we present the qualitative inquiry as an essential requisite for the development of this task, considering that the diversification and combination of instruments and techniques can help to elucidate hypotheses, questions or other problems concerning the research about children.

Key words: Small children. Methodological instruments. Qualitative research.

Não basta aprender o que tem de se dizer em todos os casos sobre um objeto, mas também como devemos falar dele. Temos sempre de começar por aprender o método de abordá-lo.

(Wittgenstein)

O processo de investigação científica relaciona-se às escolhas paradigmáticas que o pesquisador realiza. Esses paradigmas concentram explicações e demarcam posicionamentos diante de questões históricas, sociais e epistemológicas, tais como concepções de mundo, educação, sujeitos, relações entre sujeito e objetos de conhecimento, por envolver posicionamentos fundamentais para a produção do conhecimento. Assim, podemos dizer que as escolhas de um pesquisador não são neutras ou desinteressadas.

Ao discutir a noção de paradigma e os cuidados necessários para a utilização desse termo, principalmente no campo pedagógico, Veiga-Neto (2002, p. 43), nos alerta que:

[...] não há maior problema se continuarmos falando em paradigma para nos referirmos a uma visão particular de mundo,

segundo a qual atribuímos determinados significados – e não qualquer significado – ao mundo. [...] Temos de saber onde estamos e de onde falamos. [...] pode-se se dizer que – queiramos ou não, saibamos ou não – sempre nos localizamos num paradigma, a partir do qual constituímos nossos entendimentos sobre o mundo e construímos nossas representações. No caso da Pedagogia, por exemplo, quando falamos em currículo e em didática, quando falamos sobre as funções da escola e os papéis dos professores e professoras, e assim por diante, não estamos falando sobre “coisas” que já estavam simplesmente aí, à espera daquilo que estamos a dizer sobre elas. O que estamos fazendo é entrar numa rede discursiva precedente que, antes, já as havia colocado no mundo, na medida que atribuí determinados sentidos a ela.

O desenvolvimento do paradigma positivista na ciência moderna, teve como uma de suas características a distinção entre sujeito e objeto do conhecimento, conduzindo a procedimentos metodológicos estatísticos e experimentais, por meio da dedução. Para Santos (2003, p. 27), esse paradigma dominante da racionalidade científica moderna, ergueu-se nas ciências humanas com os seguintes princípios:

Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar as relações sistemáticas entre o que se separou.

Entendemos que, a pesquisa com crianças exige do pesquisador uma revisão e superação do paradigma positivista e de seus princípios, uma vez que estes ainda influenciam a construção de conhecimentos nos dias atuais. De acordo com nossa experiência, o trabalho com

crianças pequenas e a produção de conhecimentos sobre tais sujeitos no espaço-tempo da escola requer uma metodologia de pesquisa que permita a valorização e a participação direta do pesquisador no contexto em que a investigação se realiza e a interação com os sujeitos. No caso de crianças pequenas, em diversos momentos da rotina escolar, é importante poder encontrar outros modos de comunicação, sem nos restringirmos à linguagem oral.

Consideramos também, no presente estudo, que existem diversos tipos de infâncias, experiências culturais, e que as crianças são sujeitos ativos e atuantes na realidade. De acordo com Honorato et al. (2006, p. 4):

Perceber a diferença das visões que são possíveis ao pensarmos nas crianças pode modificar, sobremaneira, as idéias que levantamos acerca das investigações que nos propomos a fazer com elas. Notamos que essa diferença tem se feito explícita nas pesquisas, e, de certa forma, explica o movimento percebido mais fortemente nesta última década: passamos de uma produção eminentemente *sobre* crianças, a produzir *com* as crianças, rompendo, assim, com a perspectiva etimológica do termo *in fans*, entendidas como aquelas que não falam (Grifos da autora).

Assim, compreendemos que a abordagem qualitativa, caracterizada como uma visão da produção do conhecimento como processo construtivo-interpretativo e dialógico (GONZÁLEZ REY, 2002b), é adequada para o desenvolvimento de pesquisas com crianças pequenas. Essa abordagem possibilita uma ação reflexiva do investigador, a partir de uma ressignificação dos dados e de uma busca teórica constante para dar novos sentidos ao que está sendo encontrado durante o processo do estudo. Neste sentido, notamos que a abordagem qualitativa “volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle” (p. 48).

A epistemologia qualitativa como suporte para o estudo com crianças justifica-se, segundo nosso entendimento, pelo fato de que nos estudos da subjetividade, o sujeito é a referência fundamental, assim como as diferentes formas de organização social e cultural de contextos onde se insere. Os estudos de González Rey (2004, 2005) resgatam o conceito de subjetividade numa perspectiva dialética e histórico-cultural, abandonando a definição de sujeito como uma essência estática e intrapsíquica. A subjetividade é entendida como dimensão do sujeito e representa uma forma diferente de constituição do real, caracterizada por sistemas simbólicos, de significações e de sentidos, no qual aparece constituída a experiência humana. Para González Rey (1997, p. 98),

A subjetividade é um sistema com definição ontológica própria, que se expressa em sua própria história, em cujo curso se definem suas necessidades. No entanto, ela representa um sistema aberto, constitutivo de um sujeito, que através da sua ação é também constituinte do desenvolvimento subjetivo. O mesmo ocorre no plano social: a subjetividade social é constituída de um cenário irreduzível a seu momento subjetivo, cujos processos e fenômenos gerais adquirem sentido subjetivo no curso da ação de indivíduos, grupos, comunidades e instituições, que em sua interrelação configuram a complexa trama social. A subjetividade, portanto, é inseparável da sociedade, ela existe como fenômeno que caracteriza a vida social e cultural do homem.

Dessa forma, a subjetividade se expressa em diferentes níveis de constituição e a subjetividade social se configura dentro de diferentes espaços e instituições que caracterizam a vida social do homem, pois sua atuação como sujeito histórico e concreto é simultaneamente individual e social.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), uma pesquisa qualitativa possui as seguintes características: ela toma o ambiente natural como fonte direta dos dados, tendo o investigador um papel fundamental na pesquisa; é descritiva, visto que os dados serão analisados minuciosamente para se estabelecer uma compreensão mais

esclarecedora do objeto de estudo; ela apresenta interesse pelo processo; a análise dos dados se dá de forma indutiva (as abstrações são construídas, à medida que os dados são recolhidos e vão se agrupando) e há valorização de significados relativos ao fenômeno estudado.

Consideramos que a pesquisa qualitativa se caracteriza, também, por sua unidade indissolúvel entre o epistemológico e o metodológico. Conforme afirma González Rey (2002a, p. 50-51),

A pesquisa qualitativa não corresponde a uma definição instrumental, é epistemológica e teórica, e apóia-se em processos diferentes de construção do conhecimento [...]; se debruça sobre o conhecimento de um objeto complexo: a subjetividade, cujos elementos estão implicados simultaneamente em diferentes processos constitutivos do todo, os quais mudam em face do contexto em que se expressa o sujeito concreto. A história e o contexto que caracterizam o desenvolvimento do sujeito marcam sua singularidade, que é expressão da riqueza e plasticidade do fenômeno subjetivo.

Outra característica importante para a produção de conhecimentos no contexto escolar, especificamente com crianças pequenas, encontra-se na opção por uma orientação *etnográfica*, pois esta considera o “estar no campo” como um constante diálogo entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, e mais especificamente, considera a pesquisa como um processo de buscar apreender significados produzidos e veiculados por grupos e sujeitos. A consolidação de uma orientação etnográfica no trabalho de pesquisa constitui-se num desafio. A etnografia desafia-nos a construir uma *descrição densa* da realidade estudada, o que segundo Geertz (1989, p. 20) “é como tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, ementas suspeitas e comentários tendenciosos”. Para Sarmento (2003, p. 166-167), a descrição densa,

Metaforicamente é a realidade social dos contextos de ação e das suas dimensões interpretativas e simbólicas; *escrita* de um novo manuscrito, cujas linhas de sentido se pretende que

desvelem as opacidades daquele primeiro manuscrito, sem que, no entanto, se sobreponha às dimensões complexas da leitura a linearidade de uma interpretação uniformizante. É exatamente a recusa dessa linearidade que legitima a “densidade” da descrição [...]. O investigar etnográfico não “colhe dados”, como por vezes a urgência da frase-feita convida a dizer ou escrever. O investigador produz muitos dos seus materiais – as palavras das entrevistas, por exemplo – na interação social com os atores do terreno (grifos do autor).

Destacamos, ainda, que compreender aspectos relacionados à escola como um todo e, especificamente, às crianças pequenas, não é tarefa fácil, uma vez que, “estamos interessados em compreender como nossos sujeitos dão sentido para suas vidas, como interpretam suas experiências ou estruturam o mundo social no qual vivem” (BOGDAN; BIKLEN, 1994), o que requer, por sua vez, uma diversificação dos instrumentos de pesquisa para construção dos dados. Nessa perspectiva, concordamos com Delgado e Müller (2005, p. 9) quando afirmam que:

Em etnografia realizamos um trabalho de construção e tessitura, que se relaciona com nossas experiências sociais e culturais em confronto com as experiências das crianças, estranhas e próximas, íntimas e distantes de nós adultos. Realizamos, portanto, um duplo exercício de familiarização e distanciamento que é, no mínimo, instigante. Este jogo tenso de estabelecer relações entre o que é estranho e, ao mesmo tempo, tão próximo e íntimo, é o que consideramos um desafio na produção nos estudos com crianças.

Vale ressaltar, que o envolvimento do pesquisador no contexto educativo, é fundamental para conhecer o dito e o não-dito nas relações estabelecidas entre os sujeitos levando-os em consideração na construção dos dados, tentando evitar, assim, uma leitura linear e uma interpretação uniformizante da realidade investigada.

Kramer (2002, p. 44-45), ao analisar as concepções de infância subjacentes às pesquisas atuais, enfatiza a Antropologia e a pesquisa etnográfica como fornecedores de importantes recursos para pesquisar

a diversidade, estranhar o familiar e para compreender o outro em seus próprios termos:

A pesquisa etnográfica fornece estratégias e procedimentos metodológicos influenciando estudos do cotidiano escolar, da prática pedagógica e das interações entre as crianças e os adultos. Aliadas à sociologia e à história, a antropologia e a pesquisa etnográfica – exercício de encontro com o outro e, portanto, consigo mesmo – combinam um cuidadoso mergulho crítico no trabalho de campo com um severo questionamento, quanto ao processo de pesquisar.

Assim, a investigação com crianças pequenas, no contexto escolar, requer um trabalho colaborativo que se inicia pela disponibilização do pesquisador como participante ativo na investigação e prolonga-se nos encontros, nas entrevistas e na análise de documentos. Podemos dizer que o conhecimento resultante desse processo exprime-se em um texto colaborativo:

Um texto etnográfico – sobretudo quando é um texto colaborativo – é, em suma, uma construção lingüística de enorme exigência conceptual e formal. Uma “descrição densa” de interpretações e ações, que se vai desenvolvendo sintagmaticamente na explanação das lógicas plurais em que se estruturam os ambíguos contextos de ação, convocando ao diálogo intratextual a polifonia das vozes que se fazem ouvir nas escolas, por meio da estratégia colaborativa que permita relativizar as distâncias entre investigadores e entrevistados, estabelecendo a equidade – tal é, em síntese, o complexo desiderato do texto etnográfico (SARMENTO, 2003, p. 172-173, grifos do autor).

Ainda hoje, as crianças têm permanecido à margem das pesquisas. Nós pesquisadores também possuímos dificuldades para comunicarmos com elas, e em vê-las como sujeitos sociais e históricos, que convivem e produzem no cotidiano das instituições escolares infantis. Por isso, nos perguntamos: quais seriam os instrumentos adequados e necessários

para a construção de conhecimentos sobre modos de agir, pensar, sentir e falar de diversos grupos de crianças? Como construir esses instrumentos, de modo a possibilitar a presença das múltiplas experiências e vozes, que se fazem presentes nos contextos escolares, especificamente, vozes das crianças pequenas?

Para Delgado e Müller (2006, p. 11-12), “a investigação com crianças, pelos inúmeros desafios que nos coloca, deve ser um processo criativo, pois, os pesquisadores das infâncias partilham que estudar crianças é algo problemático, principalmente ao considerarmos as distâncias entre adultos e crianças”. Nessa perspectiva, torna-se fundamental na pesquisa com crianças pequenas, nos contextos educativos, entendê-las como sujeitos ativos que constroem suas próprias culturas e influenciam a produção do mundo adulto. Daí, é necessário considerar as condições sociais em que vivem, como interagem, interpretam suas experiências e produzem sentido sobre o que fazem no seu cotidiano.

Precisamos conviver com as incertezas nos estudos das crianças, agora não mais compreendidas como sujeitos passivos na apreensão dos programas culturais de governo dos seus comportamentos. Elas são capazes de burlar algumas regras e normas dos adultos e criam entre elas verdadeiros sistemas culturais na apreensão dos significados do mundo que ainda necessitamos estudar e compreender (DELGADO; MÜLLER, 2006, p. 3).

Neste sentido, consideramos que a diversificação e combinação de instrumentos e técnicas, podem ajudar a elucidar hipóteses, questões ou problemáticas de pesquisa. Essas ferramentas metodológicas são: a observação participante, a entrevista, produção de desenhos e elaboração de histórias pelas crianças, registros audiovisuais, atividades lúdicas (desenhos, pinturas, recorte e colagem de revistas, dramatizações, situações de faz-de-conta), dentre outras.

Entendemos que a observação participante constitui-se em um instrumento importante para o pesquisador pelo seu caráter dialógico

e interativo, e por levá-lo ao encontro direto com os sujeitos e revelar uma diversidade de fenômenos e culturas de crianças no cotidiano escolar. Ao discutir o papel das metodologias e técnicas de pesquisa utilizadas com crianças, especificamente a observação participante, Cohn (2005, p. 45) analisa que

Seu caráter dialógico, de interação, terá que ser enfatizado, permitindo ao pesquisador tratar as crianças em condições de igualdade e ouvir delas o que fazem e o que pensam sobre o que fazem, sobre o mundo que as rodeia e sobre ser criança, e evitando que imagens “adultocêntricas” enviem suas observações e reflexões. Significa lembrar desde a pesquisa (e não apenas na análise dos dados), que a criança é um sujeito social pleno, e como tal deve ser considerado e tratado. Evita-se, assim, que o reconhecimento da criança como um sujeito ativo e produtor de sentido sobre o mundo seja apenas um postulado, esvaziando-lhe seu significado (grifos da autora).

A observação participante é um recurso importante no estudo qualitativo, porém, como já dissemos antes, é necessária a diversificação dos instrumentos para que vozes de crianças sejam amplamente ouvidas. Para Cohn (2005, p. 45-46),

A observação participante pode ainda ser complementada com outros recursos, tais como coleta de desenhos e histórias elaboradas pelas crianças e registros audiovisuais. As opções são muitas, e abrem-se à criatividade, aos interesses e recursos do pesquisador, além das necessidades específicas da pesquisa. Pode-se, por exemplo, optar por coletar desenhos realizados pelas crianças com um mínimo de intervenção, seja nos materiais, no local de realização, no conteúdo; pode-se ao contrário, pedir que as crianças façam desenhos a partir de um determinado tema de interesse de pesquisa, como, digamos, a família ou a escola. Ou ainda fornecer material, como recortes de imagens de revistas para uma colagem. [...] Tendo os desenhos em mãos, o pesquisador pode pedir às crianças que os comentem, ou mesmo que elaborem histórias a seu respeito.

Outra estratégia importante é a entrevista. Esse recurso produz um material privilegiado e constitui-se numa opção teórico-metodológica que está no centro de vários debates entre os pesquisadores. Em geral, a maior parte das discussões trata de problemas ligados à postura adotada pelo pesquisador em situação de contato com o entrevistado, ao seu grau de familiaridade com o referencial teórico-metodológico adotado e, sobretudo, à leitura, interpretação e análise do material recolhido no trabalho de campo (DUARTE, 2002). Neste sentido, podemos pensar, também, que a entrevista constitui-se num processo de interação humana, onde estão presentes expectativas, sentimentos, dúvidas, interesses, diálogos, resistências, produção de significados e saberes que geram novos conhecimentos. Ao pesquisador que investiga crianças pequenas, cabe a tarefa de dimensionar seu trabalho com uma leitura/escrita e *escuta sensível* para captar o que se manifesta nas produções do sujeito pesquisado, de modo a ampliar a análise. Para Szymanski (2002, p. 14), a entrevista,

Se torna um momento de organização de idéias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado [...]. Um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder.

O recurso da entrevista permitirá também a apreensão de significados subjetivos e complexos, onde talvez instrumentos fechados, tal como o questionário, não conseguissem produzir informações significativas. A entrevista com crianças requer cuidados adicionais. As análises de Carvalho et al. (2004, p. 291-292) sobre o uso desse instrumento em estudos com crianças indicam que

A entrevista com crianças é uma técnica ainda relativamente pouco explorada na literatura, inclusive porque, usualmente, pensa-se a criança como incapaz de falar sobre suas próprias preferências, concepções ou avaliações. Com um conhecimento sobre a criança cada vez mais acurado, essa suposição tem sido questionada e tem sido explorado, crescentemente, o uso da entrevista com crianças.

A realização da entrevista envolve um processo de *implicação*, o qual se constitui em “um engajamento pessoal e coletivo do pesquisador. [...] Consiste sempre em reconhecer simultaneamente que eu implico o outro e sou implicado pelo outro na situação interativa” (BARBIER, 2003, p. 101). Nas pesquisas realizadas por Carvalho et al. (2004, p. 299), ao explorarem o recurso da entrevista, concluíram que

A qualidade do dado colhido depende, entre outros fatores, da qualidade da relação entre o entrevistador e o entrevistado; mas sugerem, principalmente, a disponibilidade e motivação da criança para esse tipo de instrumento de coleta, desde que condições favoráveis de interação sejam oferecidas. [...] A entrevista é o principal instrumento de coleta, na medida que se deseja apreender as concepções e percepções da criança sobre determinado fenômeno ou situação; [ela] complementa a análise da observação direta do comportamento, oferecendo pista para a compreensão de seu processo de desenvolvimento, a partir de seus comentários e justificativas.

Acrescentamos que, dada a complexidade de investigações qualitativas, que envolvem o estudo com crianças, as combinações entre instrumentos e técnicas de pesquisa podem ampliar o potencial interpretativo e analítico da pesquisa. Desta forma, destacamos a contribuição de Soares (2006, p. 36-37), quanto a algumas ferramentas metodológicas, que podem ser complementares ao processo de construção dos dados na investigação participativa com crianças:

Ferramentas metodológicas que apelam à oralidade: as tradicionais entrevistas individuais, aos pequenos grupos de

discussão ou aos debates em grande grupo. [...]; as que apelam à criatividade em termos de registro escrito ou gráfico: diários, ensaios ou registros do cotidiano, onde crianças que já dominam o registro escrito, podem assinalar todos aqueles aspectos que com elas foram definidos relativamente à agenda de investigação. [...] as que apelam à utilização de recursos de multimídia: a utilização da fotografia e do vídeo com o manuseio das crianças [...] as que apelam à expressão dramática: uso de técnicas dramáticas, de *role-play* ou ainda a observação de situações de faz-de-conta, bem como a realização de pequenas dramatizações à volta de um determinado tema.

Um outro recurso importante para a pesquisa com crianças pequenas, que pode superar a idéia de criança como sujeito passivo, é observá-la em ação. O registro das crianças em ação pode ser realizado através da técnica da vídeo-gravação, a qual se constitui em uma fonte de informações rica, pois, apresenta imagens do sujeito em processos interativos, ocorridos ao longo do desenvolvimento de diversas práticas.

Honorato et al. (2006, p. 6) problematiza a busca dos encaminhamentos próprios que melhor atendam o trabalho com crianças, a partir da seguinte questão: “Como registrar tantos meandros, tantos detalhes, tantas relações para depois debruçar-se sobre?”. Em seguida, afirma que “há ditos que não são pronunciados oralmente; ditos que não são captados por um gravador e acabam perdidos sem um registro, desdobrando-se a idéia de que a captação da imagem também pode revelar-se como rica fonte de elementos a serem analisados”.

A autora ainda destaca que

Palavra e imagem em movimento fazem, da vídeo-gravação, modos de buscar capturar a essência das narrativas em jogo. [...] A vídeo-gravação não apenas captura mais ângulos de uma dada realidade como ainda, por sua capacidade mimética, também minimiza a intervenção do pesquisador – ela não a elimina, é claro, pois há sempre o olhar de quem filma. Olhar marcado social, histórica e culturalmente. Olhar não-neutro que focaliza e traz aspectos ao centro da cena, enquanto relega

outros a segundo plano ou deixa-os de fora. Aquele que filma, caso não seja o próprio pesquisador, já é um co-autor da pesquisa, portanto, deve estar totalmente afinado com esta (HONORATO et al., 2006, p. 7).

Outro aspecto a considerar nos processos de registro de eventos, por meio da vídeo-gravação, está relacionado com a possibilidade de mostrar as imagens registradas para as próprias crianças e produzir, mediante tal apresentação, novos dados. Para Honorato et al. (2006, p. 9) “mostrar às crianças suas ações anteriormente gravadas em vídeo pode ser, então, uma forma de devolutiva do visto/vivido por elas” e concluem que “ver-se em ação é, então, entendido como possibilidade de ressignificação dos papéis de pesquisador-pesquisado, sublinhando o caráter de co-autoria nas pesquisas que se utilizam deste instrumental”.

Os estudos de Gobbi (2005, p. 86-87) apresentam os desenhos infantis em conjugação à oralidade, como ferramenta metodológica importante para que se possa conhecer mais e melhor crianças pequenas, suas infâncias, seu contexto social, histórico e cultural. A autora entende que essa não é uma tarefa simples, mas são amplas as possibilidades de ver, olhar, interpretar e analisar os desenhos infantis. Ao narrar o processo de construção de sua pesquisa com desenhos em conjugação à oralidade em uma escola de educação infantil, ela comenta que o desenho foi proposto de forma não dirigida com a intenção de suscitar falas:

O desenho da criança é apontado como possibilitador de um maior aprofundamento sobre como crianças pequenas percebem o mundo no qual estão inseridas. Parte do princípio de que nós adultos falamos sobre elas, sem, contudo, ouvi-las ou mesmo enxergá-las em suas produções, e de que nosso conhecimento, de um modo geral, ainda é muito pequeno. Neste sentido, o desenho seria um instrumento oferecido para que, sem tornar a escola de educação infantil um espaço terapêutico em busca de fases do desenvolvimento psíquico ou mesmo de enquadramento de crianças em padrões de normalidade, pudéssemos conhecer mais sobre os olhares e as concepções

que as crianças pequenas têm de seu universo, que é também por elas construído, vivenciado, imaginado, desejado, desenhado.

Portanto, apesar de considerarmos que utilizado isoladamente nenhum instrumento dá conta de produzir respostas para problemas de pesquisa, as estratégias abordadas acima podem gerar, progressivamente, no desenvolvimento da investigação, uma reflexão acerca das crianças, como sujeitos históricos, sociais, ativos e parceiros na construção de conhecimentos de seu cotidiano e de suas culturas.

Além das questões epistemológicas e metodológicas, apresentadas no processo de investigação com crianças, existem aspectos deontológicos e éticos importantes para serem pensados pelos pesquisadores, uma vez que, é essencial considerarmos as crianças como sujeitos sociais e parceiros na investigação. Para Soares (2006, p. 32),

A ética na investigação com crianças necessita considerar a alteridade e diversidade que definem a infância enquanto grupo social, com especificidades que o distinguem de outros grupos, e que exige por isso mesmo, considerações éticas diferenciadas e com singularidades que dentro de uma mesma categoria social (a infância), encerram infindáveis realidades, dependentes de aspectos como a idade, o gênero, a experiência, o contexto sócio-econômico, as quais dão origem às múltiplas formas de estar, sentir e agir das crianças e, por isso mesmo, exigem considerações de cuidados éticos singulares, decorrentes da consideração da diversidade que encerram.

Assim, a dimensão ética assume um papel fundamental nas pesquisas com crianças e torna-se urgente a discussão sobre a postura do pesquisador, pois novas responsabilidades e desafios se apresentam, seja no processo de autoria, autorização, anonimato ou na devolução dos achados da pesquisa (KRAMER, 2002).

Por fim, consideramos que a investigação qualitativa exige, fundamentalmente, a habilidade do pesquisador na articulação teórica e empírica em torno de seu objeto e da problemática de pesquisa, o que demanda esforço, trabalho colaborativo e a (re) construção de

ferramentas teórico-metodológicas, tornando-as auxiliares na captação de indícios, na descrição de práticas, dos ditos e não-ditos no cotidiano escolar, tendo em vista a elaboração de hipóteses e reflexões que levantem dúvidas ou reafirmem convicções, mas que, sobretudo, promovam o resgate das vozes e ações das crianças.

Referências bibliográficas

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução: Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

CARVALHO, Ana M. A. et al. O uso de entrevistas com crianças. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 291-300, mai./ago. 2004.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. **Abordagens etnográficas nas pesquisas com crianças e suas culturas**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt0781int.rtf>>. Acesso em: 24 jun. 2006.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução: Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância**: metodologias de pesquisa com crianças. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando L. **Epistemologia cualitativa y subjetividad**. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

_____. La subjetividad: su significación para la Ciência Psicológica. In: FURTADO, Odair; GONZÁLEZ REY, Fernando L. (Org.). **Por uma epistemologia da subjetividade**: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002a.

_____. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. Tradução de Marcel Aristides Ferra da Silva. São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2002b.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. Tradução: Raquel Souza Lobo Guzzo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

HONORATO, Aurélia et al. **A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento**: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa *com* crianças. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2172-int.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2006.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia T. (Org.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

SOARES, Natália Fernandes. A investigação participativa no grupo social da infância. **Currículo sem fronteiras**: revista para uma educação crítica e emancipatória, v. 6, n. 1, p. 25-40, jan/jun 2006. Disponível

em: <<http://www.curriculossemfronteiras.org/vol6iss1articles/soares.htm>>. Acesso em: 09 set. 2006.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. (Org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Editora Plano, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. Paradigmas? Cuidado com ele! In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.